

# Nódoa no Brim

TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL  
31 DE JANEIRO DE 2023



Pássara Xamã | acrílica sobre tela | 2022



No meu morrer tem uma dor de árvore  
| Manoel de Barros

# Sumário

## Editorial

3

Claudia Zortea

## Amazônia Legal (poema)

4

Perfumes

Marina Taborelli e Silva

## Conto

6

Buenos Aires Nunca Mais

Antônio P. Pacheco

## Literamato (resenha)

10

O livro na roda da leitura

Giovany Medeiros de Oliveira

## Resenha

12

O fazer poético em *Ensaio de Lírica de Isaac Newton Ramos*

Syjará Cristina Ferreira Santos

## Ensaio

14

Fantasma em Vila Maria, de Agnaldo Rodrigues da Silva

Josiane Lopes

## Artigo

20

What's in a name?

The property of the name in *A desumanização e Homens imprudentemente poéticos* de Valter Hugo Mãe

Cecilia krug

# Expediente

O **Nódoa no Brim** tem por objetivo a criação de um espaço em que são abordados assuntos concernentes à arte literária e à relação dialógica que ela estabelece com outros campos do conhecimento, assim como outras artes. Embora grande parte das matérias publicadas seja uma extensão das atividades e discussões realizadas em nossos cursos de pós-graduação, o propósito do jornal é atingir, por meio de uma linguagem mais acessível, um público mais amplo, abarcando o leitor comum e o aficionado da Literatura e jornalismo cultural, através da divulgação de autores, obras e temas literários de relevância no cenário cultural contemporâneo e seu diálogo com as demais artes.

**Direção geral:** Walnice Vilalva

**Equipe editorial:** Walnice A. Matos Vilalva, Claudia Eliane Zortea, Tayza Codina, Maria Madalena da Silva Dias e Natália Marques da Silva.

**Artista Visual Homenageado:** Ruth Albernaz.

**Colaboradores:** Marina Taborelli e Silva, Antônio P. Pacheco, Giovany Medeiros de Oliveira, Syjará Cristina Ferreira Santos, Josiane Lopes e Cecilia krug.

**Diagramação:** Umberto Rios Magalhães

**CONTATO**

**email:** nodoanobrim.mt@gmail.com

**Publicação das edições de 2023**

O Suplemento Literário de Mato Grosso Nódoa no Brim convida pesquisadores/as e escritores/as a submeterem artigos, ensaios, resenhas, contos, crônicas, poemas, carta do leitor às suas edições de 2023. Para acessar as regras de submissão, clique no link:

<https://ppgelunemat.com.br/submissao-nodoa>



Universidade do Estado de Mato Grosso  
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino

Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,  
Tangará da Serra - MT, 78300-000

# Editorial

A artista homenageada nesta 83ª edição do Suplemento Literário Nódoa no Brim é muito especial. Ruth Albernaz compartilha com os leitores sua produção como artista autodidata que expressa a “conexões entre ser humano/natureza, xamanismo, benzeções, cuidar, saberes ancestrais e conservação da sociobiodiversidade.” Ruth é “pós-doutora em Ensino na Amazônia (IFMT, 2021/22) com pesquisa em cartografia de artistas da Amazônia Legal; doutora em Biodiversidade e Biotecnologia na Amazônia pelo viés Arte/cultura/biodiversidade junto ao povo Rikbaktsa”. A artista-bióloga é vencedora do Prêmio Pipa Online (2021). Para conhecerem um pouco mais sobre Ruth Albernaz, percorram as páginas no Nódoa e apreciem cada detalhe, há muitos, dessa delicada e potente arte.

Numa incrível conexão, das belíssimas imagens iluminadas e rodeadas de poesia de Ruth Albernaz, vamos a *Perfumes*, poema de Marina Taborelli e Silva. Um poema que, para mim, deve ser lindo ao som de uma boa música instrumental, ao ar livre, para ser completa a sinestesia provocada pelos versos. Bem-vindos à Seção **Amazônia Legal**.

O conto desta edição é de Antônio P. Pacheco e foi publicado no livro **O universo no espelho** pela editora Carlini e Caniato em 2021. A proposta da obra é dialogar com contos de autores canônicos. Para esta Edição, o **Nódoa** traz o conto *Buenos Aires nunca mais*, indicado pelo pesquisador das produções de Pacheco, Paulo Wagner, que elaborou o posfácio da obra. Para Paulo Wagner **O universo no espelho** é um “amalgama de referências criteriosamente selecionadas e recriadas para compor um universo distinto, um fazer literário local que mira o universal ao refletir as paixões, os dramas e experiências comuns à condição humana.”

A primeira resenha, intitulada *O livro na roda da leitura*, quem assina é Giovany Medeiros de Oliveira, aluno do Ensino Médio da Escola Estadual Patriarca da Independência. Giovany atualmente coordena o Clube da Leitura – Viajantes do Conhecimento, grupo de leitura da escola onde estuda. A resenha apresenta a obra **Nojo**, de Divanize Carbonieri, sua estrutura, curiosidades e traz, além disso, uma análise comparando, na perspectiva de aluno na educação básica, a leitura de um clássico e

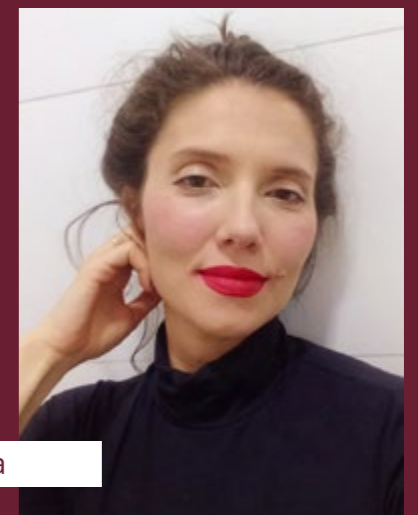
de uma obra contemporânea como **Nojo**. Uma análise crítica bastante pertinente.

A segunda resenha é da pesquisadora Syjará Cristina Ferreira Santos. A autora apresenta a obra **Ensaio de Lírica**: do poema clássico ao contemporâneo, de Isaac Newton Ramos, como um agradável mergulho na poesia de diversos escritores, tais como Pedro Casaldáliga D. Aquino, José de Mesquita, Luciene Carvalho, Tomás Antônio Gonzaga, dentre outros.

“Quem nunca ouviu falar em fantasmas, assombrações e almas penadas? Quem nunca leu um conto de terror e ficou com medo de dormir e sonhar com monstros? Essas histórias muito conhecidas povoam o imaginário popular e o folclore brasileiro”. Este é o início do instigante ensaio **Fantasma em Vila Maria**, de Agnaldo Rodrigues da Silva, escrito pela pesquisadora Josiane Lopes. O ensaio, além de fazer uma boa apresentação da obra, ressaltando a presença de personagens folclóricas que compõem o imaginário popular, resvala em questões teóricas da construção narrativa, coma metaliteratura ou metateatro.

O artigo *What's in a name?*, escrito pela pesquisadora Cecilia krug é publicado em língua inglesa e faz uma análise comparativa entre dois roanncnes: **A desumanização** (2013) e **Homens imprudentemente poéticos** (2016), de Valter Hugo Mãe. O texto detém-se aos nomes das persoangens e verifica a importância da nomeção para a contrução da narrativa literária. Segundo Cecília Krug “The choice of designations is not always clear, perspectives can converge, accommodate and reinvent an aesthetic of secrets in each fictional universe”

Enjoy!



Claudia Zortea

## PERFUMES

Ali, na Rua das Palavras,  
Há uma balsamaria que vende  
Versos cítricos aos anárquicos,  
Para os apaixonados, rimas doces.  
O grisalho perfumista sabe truques,  
Agrada apolíneos e dionisíacos convictos,  
Os rapazes preferem epopéias,  
Às mocinhas, sonetos românticos.  
Um frasco, no entanto, não agrada:  
Fragrância de Cerrado, amadeirada,  
Um chamuscado inexplicável  
No fundo, garante o perfumista,  
Uma nota, um quê de bocaiúva  
É delicioso - e sorri embaixo do bigode branco.



**Marina Taborelli e Silva**

Marina nasceu em 1999, cuiabana de tchapa e cruz. É bacharelanda em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso. Tem participação nas coletâneas Esperança Cercada e O Estrangeiro - Cadernos Marginais de Filosofia, Literatura e Direitos Humanos [v. 1 e 2], Editora Fi.

[marinataborelli.silva@gmail.com](mailto:marinataborelli.silva@gmail.com)

Gavião Tesoura  
Acrílica sobre tela | 2022



Um céu para Iracema  
Acrílica sobre tela | 2021

# BUENOS AIRES nunca mais

Antônio P. Pacheco.

O envelope branco, cintado com as faixas azuis e brancas e o selo com a efigie de Evita, não lhe deixava dúvidas de que a carta viera de Buenos Aires. Os flocos finos de neve nas luvas negras de pele de morsa flutuaram no ar quando estendeu a mão, trêmula, para receber o envelope que monsieur Degard, o porteiro, lhe estendia.

Fazia frio de 12 graus negativos nas ruas de Paris, de onde viera, e ainda assim, ela sen-

tiu seu corpo inteiro se inflamar. O coração iniciou uma disparada, como cavalos bravios nos pampas da estância onde vivera a sua infância. Segurou o envelope com os dedos em pinça, como quem pega a cabeça de uma serpente – ou seria de um de coelho recém-nascido? – para, em seguida, apertá-lo contra o próprio peito. Apresada, agradeceu quase com um sussurro e subiu as escadas do prédio de número 18 da simpática e tranquila Rue de La Tramoille.

Enquanto galgava os degraus da escada, examinou as letras angulosas e rápidas que formavam o seu nome e seu endereço francês. As linhas pontilhadas destinadas à identificação do remetente em branco era mais uma confirmação de que a carta viera para lhe trazer lembranças que preferia manter sepultadas do outro lado do oceano.

Abriu a porta do apartamento, entrou e recostou-se nela, tomando fôlego e procurando recobrar a tranquilidade. Uma avalanche de sentimentos contraditórios a fustigava. Pensou em rasgar o envelope sem ler a mensagem que trazia e atirar os pedaços na lareira, onde as brasas, encobertas por fina pelagem de cinzas brancas, ainda ardiavam, pois o apartamento estava envolto em um manto de ar morno com cheiro adocicado da lenha. Ao mesmo tempo, ansiava por abrir o envelope e sorver aos borbotões as palavras que estariam grafadas ali, deixando-se arrastar pelos seus significados óbvios e subliminares, exatamente como ocorria nas noites insones e insanas, regadas a vinho e sexo sem limites nos quartos de hotéis baratos das calles Olavarria e Garibaldi, em La Boca, no verão de 1950.

A recordação lhe doeu no estômago como um soco. Sentiu ânsia de vômito e lágrimas quentes e cortantes rolaram por sua face. Suas pernas vacilaram e ela se deixou escorregar até o assoalho. Dobrou os joelhos e os abraçou, contemplando o envelope, a garganta apertada como se uma garra de condor fosse sufocá-la. Reviveu em segundos toda a intensidade daqueles dias em que a prosperidade do pós-guerra sob comando de Peron, jovens estudantes, idealistas e românticas como ela engrossavam passeatas e inchavam organizações como a Central Geral Universitária, conhecia rapazes inteligentes e audaciosos como Julio Florestan, que imitavam astros de cinema como Marlon Brando e Gary Cooper, decoravam textos de filósofos como Sartre, Camus, Foucault e idolatravam líderes revolucionários como Lenin, Trotski, Mao Tsé-Tung, Gandhi e o próprio presidente argentino.

Os dias de ilusório esquecimento e rotineira paz parisiense se evaporaram como a tênue

fumaça que subia das brasas ador-meçadas na lareira para se misturarem aos flocos de neve que caem sobre a tarde que avança, quase imperceptível, sobre uma Paris marmórea. Sem ter como escapar da dor antiga que a fez cruzar o oceano e a nova dor que a carta lhe causará com certeza, ela tira as luvas e abre o envelope. Seu olhar percorre todas as linhas sem ler as palavras escritas, apenas reconhecendo o caminho que a obrigará a se reencontrar com quem foi e com quem deixou em outro universo.

Ela se pôs a ler e, à medida em que lia, a voz de Julio Florestan encheu-lhe a mente e o coração, lançando-a em um turbilhão delirante em que o passado e o presente se des-cortinam em um só tempo, sem fronteiras entre o antigo e o recente. Ela já não está em Paris, no apartamento da Rue de La Tramoille, e sim no apartamento de Sui-pacha, sentindo o cheiro de torta de maçã, diante de uma xícara fumegante de chá de rosas, ouvindo os acordes da Sonata para violino nº21 de Mozart sob o olhar luminoso de Julio em uma tarde fria daquele primeiro inverno.

Enquanto lê, ela também está em La Boca, ao som de um acordeon lamurioso que acompanha a voz de Gardel cantando *Volvió una Noche*. Ela tem o rosto coberto por maquiagem pesada, o batom borrado, os olhos inchados, os cabelos maltratados, a roupa em desalinho. Seu corpo está cheio de escoriações, hematomas e esgotado pelas surras do amante, pelo sexo sem prazer com comerciantes rudes, marinheiros sujos e escroques bêbados, maridos adúlteros e rapazinhos imberbes e aventureiros, gente comum com quem se deita em troca de alguns míseros pesos. Uma vida humilhante à qual ele a submetia para custear seu sonho de ser um escritor de fama mundial, seu vício no jogo de pôquer e os delírios de comprar uma vinícola em Mendoza.

Eis que ele havia se mudado, enfim, para o apartamento que lhe valera a liberdade. Ele se apossava de seus restos de passado, mas não como um herdeiro, mas como um intruso que se apossa de um castelo, que invade um santuário. E levava com ele para o apartamento aquela que a substituiu na cruel e sedutora gaiola emocional em que

ele se encerra e encarcera quem por ele se apaixonou. Não é um consolo saber que seus traços e cheiros que impregnam o apartamento o perturbam tanto como ele admite na carta. Antes, sentiu-se uma vez mais violentado em sua alma por sua doentia presença.

Antes de chegar ao último parágrafo daquela carta sôfrega e delirante de Julio, ela parou de ler de súbito. O estômago revirando-se, alucinado. Ela se levantou e com passos trôpegos, mas rápidos, foi até a janela. Afastando as cortinas, abriu-as de par a par. O ar gélido da tarde invadiu a sala do apartamento, lançando flocos de neve em seu rosto em fogo.

Ela aspirou fundo o ar frio e limpou as últimas lágrimas congeladas no canto de seus olhos que haviam escorrido em filetes translúcidos por suas faces. Então, ela enfiou dois dedos em forma de pinças na boca e os empurrou até o fundo da garganta. Seu estômago contraiu-se num espasmo e ela sentiu um refluxo bobulhante e ácido empurrar para fora um Mara, de pelos vermelhos, do tamanho de uma bola de tênis. Ela segurou o bichinho peludo e macio pelo pescoço, entre os dedos médio e anular, mantendo-o suspenso no ar.

O animalzinho soltou um guincho, sacudiu-se e piscou várias vezes, mostrando-lhe os dentes. Ela então apertou-lhe o pescoço até ouvir um estalo de ossos partidos e sentir o animal estremecer esticando as patas traseiras até aquietar-se para sempre. Sem nenhum remorso, ela respirou fundo e sorriu para as luzes que já lançavam um fulgor dourado sobre a cidade, fechou a janela, cerrou as cortinas e dirigiu-se até a lareira. Atiçou as brasas e colocou mais achas de lenha. Logo as labaredas rubras se elevaram, espalhando um calor terno que lhe acariciava a face e afagava-lhe os cabelos, como que a consolar e a incentivá-la. Ela, então, atirou ao fogo o corpo inerte do Mara e, com ele, a carta.

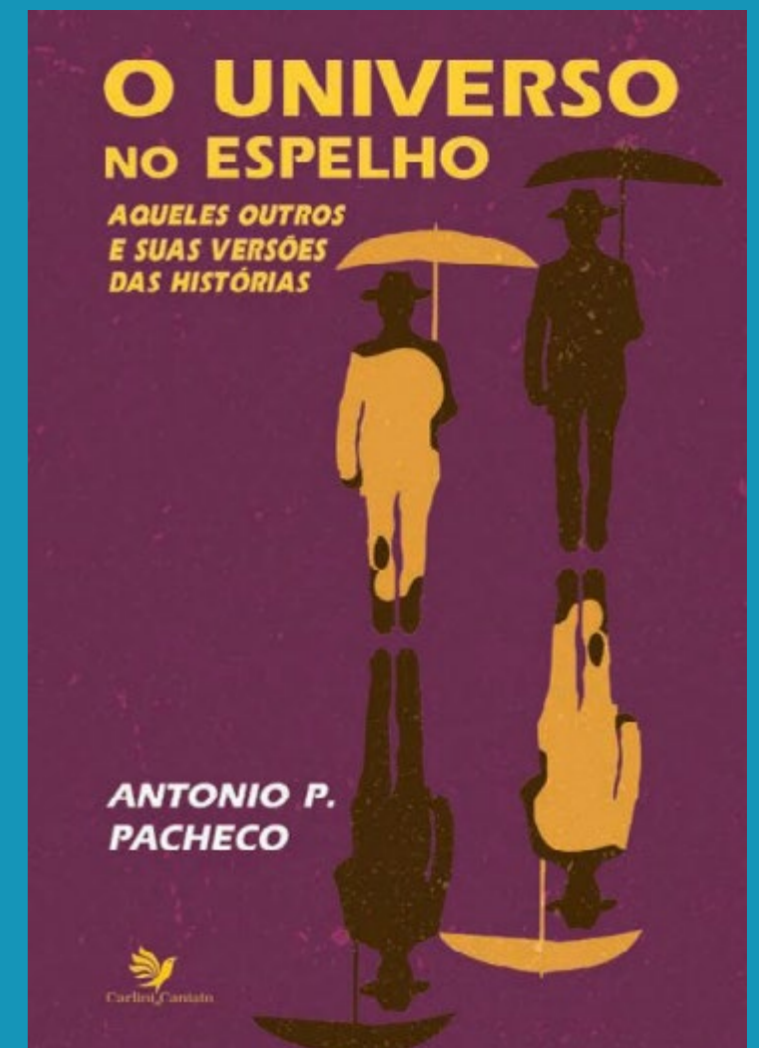
Enquanto o fogo consumia tudo, ela sentiu seu estômago se apaziguar.

Colocou na vitrola um disco de Mozart, serviu-se de uma taça de Bordot e sentou-se diante da lareira, um prato com fatias de maçã desidratadas e de queijo Brie ao alcance da mão. Sentiu-se, enfim, em paz. Buenos Aires já é, agora, nunca mais.

**\*Inspirado no conto “Carta a uma senhorita em Paris”, de Julio Cortazar.**

Conto publicado no livro **O universo no espelho**: aqueles outros e suas versões das histórias: contos intertextuais, pela editora Carlini e Caniato em 2021.

Antônio P. Pacheco  
WhatsApp: 65 98112-0935



# O livro na roda da leitura

Um céu para Iracema II  
Acrílica sobre tela | 2022

Durante as férias de final de ano, entre as obras que circularam pela roda da leitura do Clube - Viajantes do Conhecimento, chegou até minhas mãos o livro **Nojo** de Divanize Carbonieri. Contista e poeta, entre outras premiações, a autora foi finalista do prêmio Jabuti 2020 na categoria contos. Divanize é também doutora e professora de literatura de língua inglesa na Universidade Federal de Mato Grosso.

**Nojo** não é uma obra que busca confortar o leitor, muito pelo contrário, nela as vozes se agridem mutuamente e agridem a sociedade revelando em seus mais vis comportamentos e preconceitos a realidade que nos aflige a cada dia. Há um vocabulário que pode ser do mais baixo calão dependendo do âmbito

de visão do leitor sobre ele mesmo e sobre o mundo.

Uma curiosidade instigante sobre o livro é que ele apresenta uma estrutura de prosa totalmente diferente do comum, o enredo se conta a si mesmo enviesando as vozes de vários personagens através da fala e dos pensamentos, num diálogo ininterrupto marcado pela ausência completa de sinais de pontuação. Exceto pelo prefácio e posfácio, vírgula, ponto final, exclamação, interrogação, letras maiúsculas, parágrafos e capítulos, além de outras marcas gramaticais, são totalmente dispensadas desta literatura. Essa ausência, ao mesmo tempo que impacta, não impede que a obra seja lida e entendida em sua exatidão.



## Giovany Medeiros de Oliveira

Giovany é estudante do Ensino Médio da Escola Estadual Patriarca da Independência, Integrado ao Curso Técnico em Agricultura na Universidade Estadual de Mato Grosso UNEMAT - Campus de Tangará da Serra. Atualmente é o novo coordenador do Clube da Leitura - Viajantes do Conhecimento.

[viajantesdoconhecimento@outlook.com](mailto:viajantesdoconhecimento@outlook.com)

A obra chegou à Estadual Patriarca da Independência, que sedia o Clube da Leitura - Viajantes do Conhecimento, por meio de iniciativa da própria autora, que em 2021 fez a doação de exemplares para os componentes. Os Viajantes é um projeto em desenvolvimento desde 2019 e tem por objetivo, além da formação de jovens leitores, viabilizar acesso à produção literária de autores que produzem literatura em Mato Grosso.

Inicialmente, a ideia foi articulada por alunos do Ensino Médio em parceria com os professores de Língua Portuguesa com apoio permanente da gestão escolar e incentivo dos autores que produzem literatura em Mato Grosso. A primeira geração de leitores do Clube já alcançou as carteiras universitárias e o mercado de trabalho, alguns foram inclusive aprovados em seletivo do Estado. A segunda geração segue com a roda do livro fazendo o livro rodar.

Nossa escola está situada no Distrito de Progresso, município de Tangará da Serra. É uma escola do campo que atende atualmente cerca de quatrocentos alunos. A instituição foi contemplada em 2022 com o Projeto Literamato, iniciativa da Associação Mato-grossense de Inclusão Sociocultural (Amiscim) via emenda parlamentar do então deputado Allan Kardec.

Pelo projeto, foram distribuídos mais de doze mil títulos de escritores que produzem literatura em Mato Grosso. A Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT teve importante participação, especialmente na distribuição desses livros fazendo chegar às muitas bibliotecas públicas escolares e demais instituições comprometidas com a dis-

seminação do livro produzido no Estado. Com o incentivo do Projeto Literamato, o acervo da biblioteca foi ampliando alcançando um número maior de leitores.

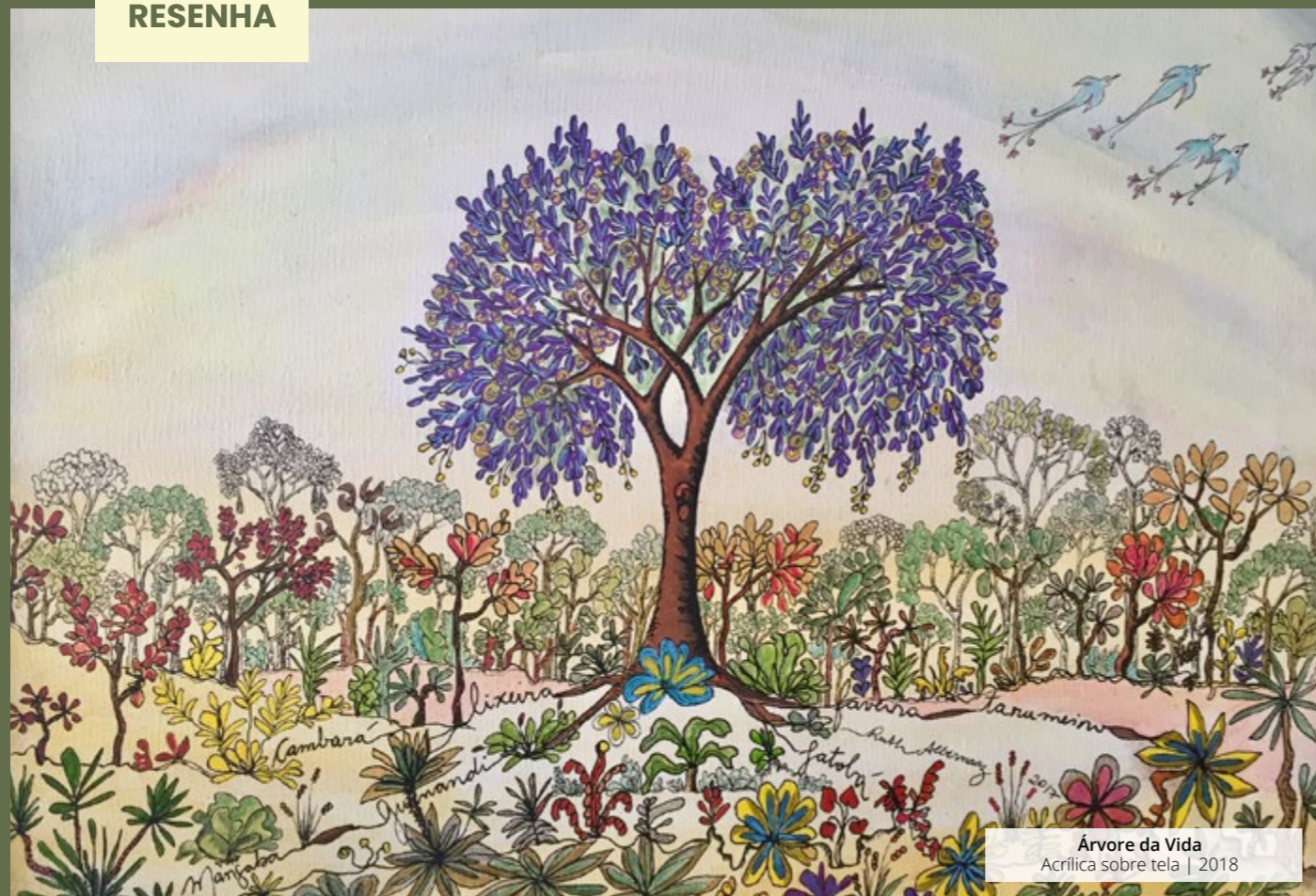
Considero um privilégio acessar as obras. Ler, debater e produzir ajuda a expandir a experiência literária e aprimorar o nosso senso crítico. Projetos como este são necessários pois despertam o interesse dos alunos. Inclusive, faço um contraponto entre as obras clássicas, que não são menos importantes do que as que chegaram até nós seja por iniciativa dos autores, ou pelo Projeto Literamato.

O que observo muitas vezes é que a obra clássica apresenta uma dificuldade vocabular, em decorrência da distância entre a época em que foi produzida e o momento atual. A dificuldade em lidar com a linguagem acaba afastando o leitor mais jovem, ao passo que obras como **Nojo**, de Divanize Carbonieri, atuam como um convite para esse leitor, não só pela linguagem mais condizente com a nossa geração, como também por tratar de assuntos e situações que são do nosso cotidiano. Obras assim despertam o interesse pela leitura e também para o debate.

Como defendi, acredito que no processo educacional, a leitura auxilia na criação de repertório linguístico e crítico, o que favorece o nosso desenvolvimento em outras áreas. Atualmente, percebo o interesse pela leitura bastante enfraquecido, em partes pela extenuante difusão ou obrigação em ler os clássicos como se imperasse a ideia de que somente os clássicos sejam bons livros. No caso, **Nojo** e outras obras que estão na roda de leitura servem para mostrar que livro bom é também aquele que resulta num bom bate-papo.



Clube da Leitura - Viajantes do Conhecimento.



Árvore da Vida  
Acrílica sobre tela | 2018

## O fazer poético em *Ensaaios de Lírica* de Isaac Newton Ramos

A obra **Ensaaios de Lírica: do poema clássico ao contemporâneo** é uma coletânea de poemas que aborda a concepção de lírica desde seu estado originário, voltando a atenção do leitor para o eu do texto letrado, com uma fruição estética que é capaz de deleitar quem lê com uma linguagem suave. Os poemas sugerem ao leitor uma visão metafórica lírica que enseja a poesia enquanto uma experiência orgástica da linguagem.

Dessa forma, a lírica da obra é um convite à reflexão da própria poesia em

seu processo de fazer lírico permeada pela parte dos sentidos, gestos e poética. Apresentando um arcabouço de Casaldáliga, a coletânea traz a referência de memórias e o jogo instigador e a sedução pelo lirismo em si. O referido embasamento faz com que o conjunto se embriague na sensibilidade conjugada ao suave estilo da lira, provocando memórias do imagético da própria arte desde o surgimento da poesia lírica na Grécia Antiga, ao misturar o cântico do lirismo ao caminhar da era cristã e ao desenvolvimento das literaturas de língua portuguesa.



### Syjara Cristina Ferreira Santos

Syjara é licenciada em Letras, Língua Portuguesa, com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), mestranda em Letras, Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Tangará da Serra (UNEMAT). Atualmente bolsista da CAPES.

syjara.cristina@unemat.br

É importante salientar que na construção da lírica metafórica há uma busca pela sensualidade do corpo, muitas vezes embasada na figura feminina que é deslanchada em substantivos e adjetivos. O dualismo metafórico das poesias de **Ensaaios de Lírica** atíça o leitor a mergulhar na poesia que discute a abordagem de diferentes poetas, tais como D. Aquino, José de Mesquita, Luciene Carvalho, Tomás Antônio Gonzaga, dentre outros. Nesse interim, os textos trabalham com um eu-lírico que se dissimula no aspecto sinestésico.

Nesse sentido, o eu-lírico ouve, através da poesia, a sensualidade sinestésica que ao mesmo tempo sugere a formação de imagens e revela determinados elementos que são imersos na metapoesia, que são primordiais para a expressão da obra literária e para a fluidez da estética textual. Diante disso há a formação de lacunas que são preenchidas pelo leitor conforme se insinua querer dizer na poesia, portanto, os poemas não dizem o que é e sim o que poderia ser, “o dizer poético diz o que com palavras não é possível dizer”.

Diante desse cenário, as lacunas do dizer parecem representar na zona da demonstração da palavra e de seu jogo figurado. Os poemas abrem e fecham metáforas completadas pela experiência do leitor, como pode ser visto no trecho do poema de Isaac Ramos, O Sol do Poeta, já no início da obra:

“Entre o rigor e o excesso: um osso  
O colosso de verbo transposto  
A remissão ao todo poético  
Não caiu na tautologia do universo”

Desta feita, é possível perceber que o leitor se depara com a ambiguidade caracterizada pela linguagem sensorial e sugestiva da metáfora. No que diz respeito à linguagem sensorial, ela consegue produzir fendas na poesia que formam a imagem ideal da beleza que conduz ao imprevisto, ao inaudito e que revela o imperceptível. Há nesse emaranhado verbal da obra o

que parece ser, diz os silêncios da fala lírica. É o aparecimento da imagem que surge como a instigação da imaginação do leitor, ao passo que há uma relação entre o sensorial e a poesia que pode ser expressada no sentido de que o primeiro constrói uma linguagem lírica corporal, enquanto a segunda é uma narrativa verbo sensorial erótica encontrada na imagem comutada pela percepção metafórica.

Ora, a construção das poesias do livro teve como base o jogo do abstrato e da linguagem concreta, apresentando tanto a subjetividade quando a objetividade do verso. Cada verso é modelado, expressado e sugerido rigorosamente por cada autor. O conjunto dos versos apresentados ao leitor de poesia desperta sensações de deslumbramento e deleite, focando luz a um casamento entre a metáfora e o verbo, entre inspiração e a linguagem e, sobretudo uma consolidação da memória verbal para dar forma à integração entre a obra poética e o leitor.

Chegando à contemporaneidade, a lírica da obra traz uma poesia que se estabelece, muitas vezes, a partir de fragmentos de elementos pictóricos, que podem ou não se tornar icônicos. Ela se instala e se instaura como signo imagético de tempos, coisas ou lugares. Cores, nomes, tons, frações, ângulos, retas, curvas, transparências, sobreposição de imagens, substituição do alfabeto, (re) programação do código linguístico e poético, entre outros procedimentos, como a semiotização do poema, até chegar ao poema visual do final do século XX, servem como matéria do fazer poético em **Ensaaios de Lírica**.

Por fim, a construção da obra gera um corpus que busca produzir considerações sobre o percurso da poética de Dom Pedro Casaldáliga, literaturas de língua portuguesa, momentos e lugares, nessa obra especificamente dedicada ao tema do fazer lírico e a delicadeza que foi escrito cada um de seus tópicos. O livro agrega o poder da palavra enquanto ferramenta instigadora e sedutora e deixa uma impressão única no gosto da metáfora que se espalda de sensorialidade, sentimentalismo e charme desde a poesia clássica até a contemporânea.

## Fantasma em Vila Maria, de Agnaldo Rodrigues da Silva



Quem nunca ouviu falar em fantasmas, assombrações e almas penadas? Quem nunca leu um conto de terror e ficou com medo de dormir e sonhar com monstros? Essas histórias muito conhecidas povoam o imaginário popular e o folclore brasileiro. *Fantasma em Vila Maria* é uma peça teatral publicada em 2021, pela Editora Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), e escrita por Agnaldo Rodrigues da Silva, um filho de Cáceres, Mato Grosso.

Agnaldo Rodrigues da Silva é Professor efetivo na Universidade do Estado de Mato Grosso, membro da Academia Mato-grossense de Letras e diretor das Revistas *Ecos* e *Athena*, ambas da Universidade do Estado de Mato Grosso. Atua nas áreas de Literatura Comparada, Literaturas Africanas e Teatro Contemporâneo em Língua Portuguesa. Publica principalmente contos, crítica literária e teatral.

**Fantasma em Vila Maria** é uma peça que conquista variados públicos e gerações e traz à tona, de forma irreverente, uma denúncia ao descaso das autoridades pela conservação do patrimônio histórico e cul-

tural, não somente de Cáceres/MT, mas de todo o país. Encaixa-se nos princípios do gênero fantástico, uma vez que encontramos essa possibilidade de mortos retornarem ao mundo dos vivos e conviverem juntos. Sobre o *Fantástico*, Ceserani (2006, p. 103) diz que ele é, “como todo o verdadeiro e grande modo literário, uma forte reconversão do imaginário”. Para o autor essa nova produção “ensinou aos escritores caminhos novos para capturar significados e explorar experiências, forneceu novas estratégias representativas. E é essa nova forma de reler a história que percebemos na peça teatral.

A peça retrata a cultura e os costumes do interior mato-grossense, relembra personagens e vultos que fixaram seus nomes na história local e mundial. Seus nomes encontram-se fixados em monumentos, ruas, praças, estabelecimentos culturais daquela pitoresca cidade. A obra faz parte do projeto LITERAMATO II, da Universidade do Estado de Mato Grosso, financiado pela Lei de incentivo à cultura, Aldir Blanc e integra a coleção que compõe o acervo literário de diversas escolas públicas do estado de



**Josiane Lopes**

Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. (2020). Mestre em Estudos Literários (UNEMAT), (2019). Especialista em Psicopedagogia e Gestão Escolar pelo Instituto Cuiabano de Educação (2007). Graduada em Letras (UNEMAT), (1994). Professora da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso (SEDUC/MT)

WhatsApp: 65 99624-5593



Mato Grosso.

Sua capa enigmática, idealizada por Marcelo Doblin, fascina os amantes do gênero cinematográfico terror, pois traz imagens de cemitério, zumbis, morcegos e da famosa *pupkin*, ilustração usada nas celebrações em homenagens aos mortos realizadas no Hemisfério Norte e em vários outros países. Ademais, esse símbolo dialoga com a festa do *Halloween*, típica da cultura Celta. As ilustrações, desde o primeiro olhar, aguçam a curiosidade dos leitores e dá uma pista do que os espera a cada troca das cento e vinte e uma páginas.

A apresentação da obra é realizada pelo ator, diretor de teatro e professor, Luciano Paullo, que com sua experiência, contribui para que o leitor conheça sobre a trajetória do teatro em Mato Grosso e em especial sobre a obra e seu idealizador. Com um impactante título, “Deixem os mortos cuidarem de tudo”, o dramaturgo discorre sobre a importância do teatro na vida cacerense e registra sua impressão sobre a obra quando afirma que

**As ilustrações, desde o primeiro olhar, aguçam a curiosidade dos leitores e dá uma pista do que os espera a cada troca das cento e vinte e uma páginas.**

*Fantasmas em Vila Maria*, de Agnaldo Rodrigues da Silva, é uma peça que nos leva a falar de nossas histórias e do grito pujante de vozes que clamam pela reinvenção, aspectos que o autor retoma ao longo da trama, a partir da cultura centenária de Cáceres. (SILVA, 2021, p. 8).

Sua impressão desperta a curiosidade do leitor e intensifica sua vontade de conhecer sobre a história, cultura e costumes de Cáceres, desde o momento de sua fundação até os dias atuais, percorrendo seus mais de dois séculos de existência.

O prefácio é de Flávio Ferreira, advogado e diretor teatral que dirigiu, aproximadamente, cinquenta peças teatrais e produziu diversos textos. Sua vasta experiência passa pela produção de livros infantis, poesias, de direção do Grupo Teatral *Cena Onze* e de sua experiência como membro da Academia Mato-grossense de Letras.

Flávio Ferreira relata a grande contribuição de **Fantasmas em Vila Maria** para o teatro mato-grossense. O teatrólogo apresenta a obra atribuindo-lhe o título de “um dos maiores espetáculos destas belas terras cacerenses.” (SILVA, 2021, p. 11). E, sem dar *spoiler* algum, diz ao leitor o que ele encontrará, em cada página dessa obra: personagens históricas, lendas, contos, cantos e poesia, e classifica seus habitantes como “linda gente festeira em busca do resgate de memórias e do patrimônio cultural” (SILVA, 2021, p. 11).

Nesse ponto temos de concordar com Flávio Ferreira, pois muito esforço se tem realizado pelo escritor cacerense para manter viva a história memorialística de sua gente, através da ficção. O crítico faz um breve resumo sobre a estética da obra e relata sua importância para o teatro mato-grossense; sua impressão comunga com a opinião final do leitor que se sente parte integrante do espetáculo.

A obra traz um didático esquema teatral, uma apresentação que permite ao leitor conhecer nomes e função de cada personagem na peça. Ela é dividida em três Atos e cada um é subdividido em cenas, que desde o início prendem a atenção do leitor/espectador. Logo na primeira fala das personagens o leitor se sente fisicamente dentro da peça, parte integrante do elenco e de todos os acontecimentos. Éboli (2010, p.147) define o teatro como “prática

expressiva, liga-se a seu tempo, espaço e cultura, e as mudanças nas sociedades em geral levam a novas formas de expressão dramática”.

Em **Fantasmas em Vila Maria**, o leitor/espectador também encontra cantigas de roda, rezas, benzimentos, costumes que são identificados por quem mora ou morou em pequenas cidades interioranas ou em zona rural, numa referência aos costumes do povo brasileiro. Inferimos que tais costumes devam ter feito parte da vivência do autor. Conforme afirma Cândido (1985) “Com efeito, todos nós sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais.” E o autor complementa “[...] Do mesmo modo, sabemos que a constituição neuroglandular e as primeiras experiências da infância traçam o rumo do nosso ser. [...] e as experiências infantis de um determinado escritor deem a chave para entender e avaliar a sua obra [...]” (CANDIDO, 1985, p. 22).

Além disso, a peça traz um diálogo com outras histórias que marcaram a infância de muita gente. A Rainha de Copas da obra **Alice no país das Maravilhas**, O Chapolin Colorado, o Chaves, são personagens, cujas falas se fazem presentes em várias cenas da peça, além do título “Os Mortos contra-atacam”, o qual o autor parodia o título do filme **Os Fantasmas contra Atacam**, veiculado em TV aberta entre as décadas de 1980 e 1990. Expressões coloquiais como a vaca vai para o brejo, vuco-vuco, fuzuê, guri,

são integradas ao vocabulário regional, se materializam na fala das personagens e dão um tom de familiaridade ao leitor.

A *metaliteratura* também é outro ponto, nitidamente perceptível dentro da peça, na qual o autor denomina de “metateatro”, uma vez que no momento em que os fantasmas saem às ruas a procura das crianças, eles se disfarçam de atores para não causarem pânico na população que se encontra na rua assistindo ao desfile. Samira Chalhub, em seu livro **A metalinguagem** (2001), afirma que “a metalinguagem tem sua origem, modernamente nos estudos

sobre a poética, mas a retórica - estudo do discurso e suas regras - desde Aristóteles já pensava a linguagem.” (CHALHUB, 2001, p. 20) e que somente séculos mais tarde o termo se tornou conhecido e aplicado em análises.

O primeiro Ato é composto por seis cenas. A primeira tem como prota-

gonistas as crianças, Gui, Cidinha e Chico. Eles arquitetam um plano para capturarem um lobisomem que está perturbando o imaginário da pacata cidade nas noites de lua cheia. Decidem que o melhor lugar para enfrentá-lo e capturá-lo será em terra sagrada, o cemitério. Nessa cena já temos uma primeira impressão da aventura que viverão os protagonistas da peça e que será desfrutada por seus leitores.

Após declamarem diversas rezas, uma aventura inicia dentro do cemitério. Uma procissão de almas penadas sai de seus túmulos para tomar conta da cidade, dentre elas, personalidades históricas e folclóricas



que compõem o imaginário popular, como o Lobisomem, a Mulher de Branco e o Minhocão. A cena retrata o mundo fantástico das histórias contadas por várias gerações ao longo dos séculos.

Inicia-se um julgamento, no entanto os réus não são os fantasmas, mas as crianças que foram capturadas por eles. A corte será composta pelos vultos históricos e folclóricos que decidirão a sentença que aplicarão nas crianças abelhudas. Uma tensão começa a tomar conta da peça que permanecerá até o terceiro ato, o qual traz o desfecho da história.

O segundo Ato é composto por três cenas, numeradas em sequência com o Ato anterior. As personagens históricas vão aumentando, vindas de várias partes do planeta. Os Estados Unidos da América são representados por Theodore Roosevelt, personalidade histórica que governou o país por uma década no início do século XX. Roosevelt vai conhecer um pouco dos costumes de nossa gente e saudar o povo cacerense.

A quarta cena apresenta um cenário citadino, com ruas históricas e atividades cívicas. Vila Maria tem suas ruas tomadas por alunos uniformizados que desfilam, mostrando seu patriotismo. As crianças que conseguiram escapar do cerco elaborado pelos fantasmas e zumbis se misturam à multidão na tentativa de se salvarem e elaborarem outro plano para abrir o portal que levará os fantasmas para o mundo dos mortos.

A cena relembra parte da história do Brasil, quando os militares tomaram o poder através do golpe de 31 de março de 1964, e que resultou no período histórico de Ditadura Militar. Esse regime iniciou em 1964 e perdurou até 1985, um espaço temporal

de mais de vinte anos. Estudantes dessa época devem se lembrar que nessa fase a maioria das instituições de ensino realizava celebrações cívicas diariamente, atividades “impostas” pelo regime de governo, cujo objetivo era despertar valores cívicos e morais em todos os cidadãos brasileiros. Na data alusiva à Independência do Brasil, estudantes e militares realizavam desfiles para homenagear a pátria. Essa imagem é a que transmite a quarta cena, que inferimos ser, uma crítica ao momento histórico pelo qual o país está atravessando.

Na cena de número cinco, após serem descobertas, as crianças apresentam um novo desafio para os fantasmas, uma disputa de “Repente”, arte poético-musical muito utilizada no Nordeste do Brasil. O cenário também muda, e agora, tudo se passa na praça Barão de Melgaço, nome de outro vulto importante na história de Mato Grosso. Dá-se início ao concurso para escolher o (a) melhor repentista. Nesta cena, o autor nos apresenta um diálogo com a cultura e a tradição nordestina, rica em poesia e musicalidade.

Na sexta cena, não há acordo e somente as beatas e benzedeiras locais serão capazes de salvar Vila Maria, que a essa altura está repleta de zumbis, fantasmas e monstros que assolam o imaginário popular. As crianças correm para a Catedral a fim de encontrar as beatas e benzedeiras, pois somente com suas rezas e sua fé será possível salvar a Vila da invasão dos fantasmas. Mais uma vez a união das minorias fará a mudança acontecer.

O terceiro Ato é o derradeiro, onde ocorre o ápice da peça. Ele é composto por mais três cenas (7ª, 8ª e última Cena) que culminarão no clímax e desfecho dos fatos. A sétima cena se passa na Catedral,

**O cenário também muda, e agora, tudo se passa na praça Barão de Melgaço, nome de outro vulto importante na história de Mato Grosso.**

local onde as crianças tentarão encontrar as benzedeiras, pois elas são as únicas que poderão salvar Vila Maria das garras desses fantasmas que a essa altura já dominam toda a cidade.

A obra, além do tom de denúncia ao descaso das autoridades pela preservação do patrimônio histórico e cultural, também traz outra preocupação: o resgate das brincadeiras que estão sendo esquecidas com o passar dos anos. O uso da tecnologia é um agravante que não permite que as crianças tenham acesso a brincadeiras coletivas. A individualização do Ser está cada dia se enraizando mais e o “mundo tecnológico” tem sua parcela de culpa. Esse processo foi agravado no período de pandemia, no qual milhares de crianças ficaram isoladas em suas casas ou apartamentos. Através de **Fantasmas em Vila Maria** é possível lembrar, ou até mesmo conhecer, as brincadeiras ancestrais; as histórias que reinavam na oralidade são transcritas e alcançam o leitor.

A maioria dos pais, por conta do trabalho, não tem tempo para compartilhar brincadeiras e contar causos para seus filhos. Contar histórias que conheceram de seus

ancestrais, pois habitar em grandes centros dificulta a interação entre os pais e as crianças. O cinema e o teatro são capazes de preencher essa lacuna e manter viva as histórias que compõem o folclore brasileiro. Para essa geração fica a dica de como é bom ter amigos e poder compartilhar momentos de pura imaginação. Será que as crianças serão capazes de encontrar o portal que salvará toda população de Vila Maria? Vale a pena conferir!

## Referências

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7ª. ed. São

Paulo: Editora Nacional, 1985.

CESERANI, Remo. **O fantástico**. Curitiba: Editora da UFPR, 2006.

CHALHUB, Samira, **A Metalinguagem**. São Paulo: Ática, 2001

ÉBOLI, Luciana Morteo. **Memória e tradição nos Dramas de São Tomé e Príncipe e Angola: Os Teatros de Fernando de Macedo e José Mena Abrantes**. Tese de Doutorado (Faculdade de Letras Programa de Pós-Graduação em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1969>. Acesso em: 30 de setembro 2022.

SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **Fantasmas em Vila Maria**. UNEMAT Editora. Cáceres, 2021.



Vegetal Miragem  
Mista sobre tela | 2014



Árvore da Vida  
Acrílica sobre tela | 2022

## WHAT'S IN A NAME?

The property of the name in *A desumanização* e *Homens imprudentemente poéticos* de Valter Hugo Mãe



Cecilia Krug

Cecilia é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL e professora da Educação Básica no Estado de Mato Grosso.

teachcisa@hotmail.com

The novels *A desumanização* (2013) e *Homens imprudentemente poéticos* (2016), by Valter Hugo Mãe, achieve an unparalleled refinement of language and highlight profuse details in the narrative art. Among the peculiarities observed in these narratives from this author, the propriety of the first name stands out. Naming the characters and narrators is a fundamental procedure that builds existences and the fantasized world, in addition to qualifying and disposing a given architected reality, which may or may not be related to cultural, social and political issues.

The choice of designations is not always clear, perspectives can converge, accommodate and reinvent an aesthetic of secrets in each fictional universe: “[...] the name [...] to serve as a shelter. A name that protected her by definition. As if he were expanding his discursive garden using only the most unconditional and sacred word.” (MÃE, 2016, p. 73, our translation).<sup>1</sup> Based on an analysis of the narrative compositions by Valter Hugo Mãe mentioned above, one of the targets is the understanding of what concerns the naming of the characters in each poetic prose.

Faced with the relevant presence of the characters’ names in literary production, Ian Watt in *A ascensão do romance* (1990) deals with a study about the attention that the novel paid especially to the characters. There is a fine line that runs through the narratives and allusions to the aspects that guide the choice of names. In this sense, we cannot ignore what Watt observes about proper names, highlighting that they have exactly the same function in social life, they are the verbal expression of each individual’s particular identity and that in literature it was the novel that established this function. The choice of characters’ names is significant, alluding to

or sometimes presenting the opposite of what it seems to convey. Watt’s concepts are rich and acknowledge the contributions of distinguished writers to the transformation of the novel over time.

It is pertinent to mention that Valter Hugo Alves de Lemos opted for the designation Valter Hugo Mãe, a transformation that marks the figure of this writer and the meanings of the word mother in his name, a choice of profound symbologies. An accomplished writer who is also an editor, artist, television presenter and singer. Very active in social networks, interviews, literary fairs and various programs that reflect art, literature and issues of the contemporary world. In 2020, he publishes an autobiography, *Contra mim*. However, the novels are the main work of Valter Hugo Mãe, of which the following novels stand out: *o nosso reino* (2004); *o remorso de baltazar serapião* (2006); *o apocalipse dos trabalhadores* (2008); *a máquina de fazer espanhóis* (2010); *O filho de mil homens* (2011); *A desumanização* (2013); *Homens imprudentemente poéticos* (2016) e *As doenças do Brasil* (2021). With the novel *o remorso de baltazar serapião*, he received the José Saramago Literary Prize; and with *a máquina de fazer espanhóis* he received the Portugal Telecom Best Book of the Year and Portugal Telecom Best Romance awards.

In *A desumanização* (2013) and *Homens imprudentemente poéticos* (2016) particular creations are born that constitute and integrate meanings to the characters’ names. Each storyline brings up quirky issues of history and politics in Iceland and Japan, extending to the cultural life of these unique islands as well. The meanings of the names of the characters can refer to several aspects in order to compose a very allusive poetics, as well as to rai-

[1] No original: “[...] o nome [...] para servir de abrigo. Um nome que a protegesse por definição. Como se estendesse o seu jardim discursivo usando apenas o vocábulo mais incondicional e sagrado.” (MÃE, 2016, p. 73)

se varied interpretations and infer some interpretative possibilities. In this sense, Marthe Robert specifies that: “[...] these typical ingredients of mythology are not there exactly by themselves, they are macerated, dosed, fixed considering only the perfection of the phrase and the technical work that allows to obtain them. it or, for lack of a better result, to approach it” (2007, p. 265, our translation).<sup>2</sup>

It is known that each writer, in greater or lesser sophistication, creates a unique world, contributing to the transformation of the novel, which goes far beyond just Western references. According to Antonio Candido, in *Literatura e sociedade: Estudos de Teoria e História Literária* (2006), there is a singularity regarding the choice of details in each narrative. In view of Candido’s studies, it is inferred that the name given to the character is a fundamental matter. In *A personagem de ficção* (2011), the author deals with the nature of each character in the created story in which he is inserted. Therefore, it is emphasized that the designation is a way of organizing the world of this character: “[...] a decisive element of the truth of fictional beings, the principle that infuses them with life [...]” (CANDIDO, 2011, p. 80, our translation).<sup>3</sup>

It is conjectured in *A desumanização* (2013) that the protagonist’s name, Halldora,

is associated with the characterization of a half-spirited girl. She is considered half of the sister who died, as if she didn’t exist at all. Faced with the absence of her sister, she barely finds a place for her soul in this world. In a literal sense, the name can mean the rest. Indicates that she is looking for a meaning for her existence. It is worth highlighting the origin of the name Halldora, the feminine form of the Icelandic name Halldór, a name from the Viking era: *Thor* - the god of thunder, associated with strength and protection of humanity, in *Dicionário de Mitologia* (1961), by José Figueiredo. The term *Thor* looms large throughout the recorded history of Germanic people. This denomination continues to be mentioned in the rural folklore of the Germanic regions and is recognized for using a weapon: *Mjöltnir* - an object that annihilates, or simply the *hammer of Thor*. This symbol demonstrates the grandeur of the myth of Thor in contemporary culture and imagination.

Halldora is the protagonist who has a path to discover, groping for a passage, a hall, which would be the passage from childhood to adult life. At times she sees light through the cracks, whether through her father’s words or Einar’s love. However, it remains stony; lives anguished by adversities of the world. The construction of the protagonist’s human condition can be conquered through confrontations that lead to the emancipation and transformation of her life, battles that can be associated with *Thor’s* strength. Halldora makes a choice, uses an instrument, like *Thor* does. She chooses a poem to serve as a kindler and causes fire in order to destroy to achieve her liberation and perhaps a transformation. A fact that can refer to the instrument - *Thor’s* ham-

**Halldora, is associated with the characterization of a half-spirited girl. She is considered half of the sister who died, as if she didn’t exist at all.**

[2] No original: “[...] esses ingredientes típicos de sua mitologia não estão ali exatamente por si sós, são macerados, dosados, fixados considerando-se apenas a perfeição da frase e do trabalho técnico que permite obtê-la ou, à falta de melhor resultado, dela se aproximar” (2007, p. 265).

[3] No original: “[...] um elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida [...]” (CANDIDO, 2011, p. 80).

mer, used in the past. However, the instrument she chooses stands out to our eyes as a fearsome artifice:

A single sheet, a unique poem, without copy, unrepeatable. With it I lit the fire in Steindór’s beautiful house and I even saw how the walls invited the fire, so greedy. I thought that my father would unconfessably like a poem of his to serve as a kindler for that combustion. He had the right to claim his participation in the official evil of the world (MÃE, 2014, p. 150, our translation).<sup>4</sup>

There is a possibility that the choice of this name is also associated with some illustrious personalities related to culture and art in Iceland who appear in legends and adventures, in heroic acts and in sagas. Such narrations, of Nordic origin, written mostly in prose, present themes that often vary between mythology and religious aspects considered truths. In addition, life guidelines that made up the imagination of a people are considered, narratives transmitted orally, underpinning Scandinavian literature. In this sense, it is likely that the designation of the protagonist’s name may refer to notable personalities in the field of politics, culture and the historical period of that island.

Edward Said, in *Humanismo e crítica democrática* (2007), presents the relationship between art and the social world, combines the theme of humanism in the literary field, defending the perspective of understanding each word, metaphor and phrase as something consciously chosen.

[2] No original: Uma só folha, um poema único, sem cópia, irrepitível. Com ele acendi o fogo à casa bonita de Steindór e ainda vi como as paredes convidaram o lume, tão gulosas. Achei que o meu pai ia inconfessavelmente gostar que um poema seu servisse de acendalha para aquela combustão. Tinha direito a reclamar a sua participação na maldade tão oficial do mundo (MÃE, 2014, p. 150).



Retrato da artista quando pássaro  
Acrílica sobre tela | 2021

Choosing all the details in a narrative is laborious, requiring care when entering the fictional world. It is important to reflect on all narrative aspects, make an effort to think about language and all the nuances that a text can establish with other fields of knowledge.

In *Homens imprudentemente poéticos* (2016), there are also rich dialogues and a wealth of details that point to the nominations of the characters as a fertile matter in the inscription of a created universe, Japan. A prominent nomination in the novel is Saburo. This name has comprehensive meaning in the philosophical field, is related to sensitivity, giving, kindness and affection. In the narrative, this name also engenders meanings, as the character has the job of creating and believes to be an inducer of humanity. Saburo, a creative potter, loses his wife, feels loneliness and the difficult reality of contact with others. He turns into a dangerous dreamer, who felt like killing. This aspect contrasts with its name. The hostility he feels towards his

neighbor, Itaro, presents the reverse side of the sensitive and kind side brought by the meaning of his name. The transformation of this potter's life follows paths that show the animosity of relationships. The name, Saburo, repels meanings that deal with generosity, but in the miserable daily struggle, the character surrenders to the defeat of life. He feels sick from the lack of affection, creating reverse meanings for his name.

Ana Maria Machado, in *Recado do nome* (2003), references the characters' names in a specific novel from Guimarães Rosa. According to the writer, each proper name in Guimarães Rosa can function multivocally, constituting a center of dynamism in literary discourse: the interlocutors, the physical or social universe that surrounds it, including mythical, superstitious, religious, ideological or historical universes-imaginary. The scholar also adds that the message of the names in the works can reveal several meanings, as they are not subject to imprisonment. The multiplicity

of threads that form the fabric of the text is inexhaustible.

The process of naming the characters in Valter Hugo Mãe's compositions presents several ways of positioning individuals and their relationships in the context of each plot, whether in Iceland or Japan. A fact that abdicates the need for considerations, according to Vera Maquêa, in *A escrita nômade do presente: literaturas de língua portuguesa*: "The naming strategy is a way of locating the characters and narrators within the narrative without having to explain much about them." (MAQUÊA, 2010, p. 170, our translation).<sup>7</sup> In this sense, naming the characters is creating narrative possibilities and breaking out the movements that present the art of life in the universe of fantasy.

[7] No original: "A estratégia da nomeação é uma forma de localizar as personagens e narradores dentro da narrativa sem ter de explicar muito sobre elas." (MAQUÊA, 2010, p. 170).

The trajectories of the characters present, at some point, relationships of meaning with the engendered names, particularize and provide coherence to each plot. The fact of naming the characters values and enhances the strength of language in the narrative composition. From each designation, different perspectives arise in the set of elements of each

novel. The faculty of the name has a world-building magnitude. Valter Hugo Mãe is a writer enchanted and obstinate by the power of language. Through his narrators, he weaves words, creates characters and institutes names as an essential configuration in the art of creating fictional worlds.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. [et al.] **Personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011

CHEVALIER, Jean. [et al.]. **Dicionário de símbolos**. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

FIGUEIREDO, José. **Dicionário de Mitologia**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1961.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MÃE, Valter Hugo. **Homens imprudentemente poéticos**. 1ª ed., São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MAQUEA, Vera. **A escrita nômade do presente**: literaturas de língua portuguesa. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

MACHADO, Ana Maria. **Recado do nome**: Leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ROBERT, Marthe. **Romance das origens, origens do romance**. Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SAID, Edward W. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

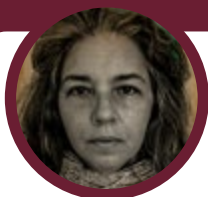
WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.



Vereda  
Acrílica sobre tela | 2022



## Artista Visual Homenageada:



**Ruth Albernaz**

É artista-bióloga cabocla, vive em Chapada dos Guimarães, no Mato Grosso. Vencedora do Prêmio Pipa Online (2021). É pós-doutora em Ensino na Amazônia (IFMT, 2021/22) com pesquisa em cartografia de artistas da Amazônia Legal; doutora em Biodiversidade e Biotecnologia na Amazônia pelo viés Arte/cultura/biodiversidade junto ao povo Rikbaktsa (2016); e mestre em Ciências Ambientais com pesquisa etnoecológica no Pantanal de Mato Grosso (2010). Autodidata em arte, com produção artística voltada para as conexões entre ser humano/natureza, xamanismo, benzeções, cuidar, saberes ancestrais e conservação da sociobiodiversidade. Produz pinturas, objetos e instalações. Realiza exposições, oficinas e curadorias para contribuir com as partilhas sensíveis, a reinvenção do mundo e a re-existência em tempos obscuros. Exposições individuais: Poética Pantaneira, site specific de longa duração (SESC Pantanal, 2020); Bio (SESC Rondonópolis, 2019), Casa Cuidar (SESC MT, 2018), Patuá (SESC MT, 2016) e Voos Xamânicos (SESC MT, 2014). Principais exposições coletivas: Um Século de Agora (Itaú Cultural, 2022/23); IV Mostra Latino-Americana de Arte e Educação Ambiental- IV MOLA (FURG, 2022); curadoria no 26º Salão Jovem Arte de Mato Grosso (SECEL, 2021); Bienal Naifs do Brasil - 15ª edição (SESC SP, Piracicaba 2020/21); +300, exposição em homenagem à crítica de arte Aline Figueiredo (Galeria Arto, Cuiabá, 2019); Dentro do Brasil cabe o Mundo (SESC Quitandinha, 2018); organização de “Para encontrar o azul eu uso pássaros” – homenagem ao centenário de Manoel de Barros, Museu de Arte e de Cultura Popular – (MACP/UFMT, 2017); organização de “Natureza Substantivo Feminino” (MAMT, 2016); XXIII Salão Jovem Arte de Mato Grosso (SECULT, 2000).

[ruthalbernaz8@gmail.com](mailto:ruthalbernaz8@gmail.com)

Realização



**UNEMAT**